

BELLI, Gioconda. *O olho da mulher*. Tradução: Silvio Diego; Revisão da tradução, notas e prólogo: Bethania Guerra de Lemos. Diamantina: Arte Desemboque, 2012.

A publicação de um poemário é sempre bem-vinda, já que por si só manifesta um ato de resistência a uma indústria editorial que privilegia a narrativa e que, como já apontava Octavio Paz no final da década de 80, tende a dissolver a diversidade de públicos na perigosa tentativa de criar um único leitor globalizado pelos mesmos gostos e interesses.

Na contramão à tendência homogeneizante da indústria cultural, são quase sempre as pequenas editoras que se atrevem a publicar poesia ou apostar em autores desconhecidos ou novos; enfim, que permitem a circulação de autores não legitimados comercialmente. “*La función de pequeñas editoriales independientes puede compararse a la creación de anticuerpos para la defensa del organismo*”, já dizia, profeticamente, Octavio Paz em um dos seus últimos livros, *La otra voz. Poesía y fin de siglo* (1990).

É justamente neste contexto que surge a edição brasileira de *O olho da mulher*, da poeta e narradora nicaraguense Gioconda Belli. Autora lida, premiada e traduzida em vários países, chega finalmente ao Brasil pela pequena editora Arte Desemboque (de Diamantina, Minas Gerais). Não a sua narrativa, essa sim já contemplada pelas grandes editoras brasileiras; mas a sua poesia, anterior e paralela aos relatos, e que permanecia fora dos círculos editoriais do país.

O olho da mulher é a tradução de uma antologia de mesmo título publicada em Madri em 1992. Depois de 20 anos, o leitor brasileiro terá acesso a uma bela edição, onde prima o diálogo entre o tradutor e a revisora do volume, cujo atento trabalho soube ser sensível a referências culturais muito mais amplas que meramente linguísticas. Algumas escolhas da tradução demonstram a maturidade de profissionais com conhecimento pleno da realidade literária e histórico-social na qual a poética de Gioconda Belli está inserida (e que por ela transborda).

Há também algumas ilustrações (de Carolina Tiemi Teixeira) que dão um tom mais feminino a uma poética que oscila entre a crônica íntima, de um sujeito envolvido em lutas políticas e sociais, e a poesia sensual, erótica, maternal, de uma poeta sempre atenta ao chamado do corpo próprio e/ou do corpo coletivo. Aliás, o

corpo é o grande suporte do pensamento poético de Gioconda Belli: corpo entendido como natureza, terra, reprodução, gozo, mas também corpo que se arma e se une à coletividade na guerrilha sandinista, ou ao governo que se instaura em seguida (“Escrever para dar forma ao mundo/para delinear o perfil da lágrima”).

Escritora emblemática da relação tão antiga quanto profícua na América Latina entre poesia e revolução, ou entre as letras e as armas, Gioconda Belli nos é apresentada pelo prefácio de Bethania Guerra de Lemos (especialista na obra da autora), também revisora da tradução. Nesta pequena introdução – como também nas notas de tradução elencadas no final do livro – o leitor brasileiro terá acesso à mediação cultural necessária a uma leitura mais comprometida com a cartografia geográfica e imaginária na qual se insere a obra e o pensamento de Gioconda Belli.

Diana Araujo Pereira (UNILA)